

MEMÓRIA HISTÓRICA /
HISTORICAL MEMORY

**DISCURSO PROFERIDO PELO ORADOR DA TURMA 178,
TURNO NOTURNO, DE FORMANDOS DO CURSO DE
GRADUAÇÃO EM DIREITO DA FACULDADE DE DIREITO
DA UFMG, EM SESSÃO DE COLAÇÃO DE GRAU, REALIZA-
DA EM 22 DE FEVEREIRO DE 2024**

*SPEECH GIVEN BY THE CLASS SPEAKER OF CLASS 178, NIGHT
SHIFT, OF THE GRADUATE LAW COURSE AT THE FACULTY OF
LAW OF UFMG, AT THE GRADUATION CEREMONY, HELD ON
FEBRUARY 22, 2024*

GABRIEL HENRIQUE RAMOS VENÂNCIO SILVA*

Gostaria de começar me abstendo um pouco das formalidades, dando boa noite aos meus amigos e às minhas amigas, podendo assim nomear os queridos membros da mesa, já apresentados, e todos os rostos aqui presentes, visto que estamos numa ocasião de profunda fraternidade. Boa noite.

Eu escrevi no meu convite de formatura que a logística da Faculdade de Direito da UFMG nos propõe uma dinâmica interessante. Enquanto calouros, estudamos nos andares mais altos. É a vida vista de cima: tempo de sonhar grande, de idealizar, de viver as aspirações mais elevadas. Havia brilho nos olhos, encantamento, uma dose de romantismo e muita disposição.

De origens e lugares tão distintos, estávamos juntos no alto. À medida que avançávamos nos períodos, nos aproximávamos também do aberto do térreo. A despedida, hoje, se dá no chão, nos portões abertos da planície.

Talvez essa circulação de cima a baixo evidencie um trânsito pedagógico que é, *na verdade*, uma lição de vida: a mesma faculdade que nos permite sonhar no alto também é aquela que nos forçou ao necessário encontro pessoal conosco mesmos na terra de nossas vidas. Desse encontro, nascem tantos outros, que passam sobretudo pelo reconhecimento daqueles que nos fizeram e nos fazem ser quem somos.

Uma força maior que se encontra na altitude do Amor, chamada por muitos de Deus, Aquele que nos amou primeiro. Nossos pais, construtores de tantas escadas. Os familiares, os amados e os amigos, aqueles que estão conosco nos altos e baixos da travessia. Nossos mestres, aqui representados por nossa querida madrinha Mariana Lara – prefiro chamar assim - que nos muniram para traçar tantos e diferentes trajetos. São esses que nos ensinam que *formar*,

* Formando do Curso de Graduação em Direito da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. *E-mail*: gabriel.hvenancio.s@gmail.com.

que se formar, que nos formar, em seu sentido mais amplo, é ato contínuo, que só faz sentido quando se tem o coração no alto, mas os pés fixos na realidade.

Entre subidas e descidas, eu, particularmente, no encontro ao qual me referia, me vi mais distante do Direito, e, entre tantos lances, inserido em um edifício modernista como é este, me descobri também arquiteto de escadas. Hoje, talvez, já não me veja mais no Direito. O que soa um pouco irônico, visto sou eu que aqui estou, representando todos vocês, na cerimônia em que a casa de Afonso Pena nos devolve à sociedade como bacharéis em direito.

Mas talvez esse também seja um símbolo providencial, visto que eu gostaria de encerrar, já me colocando apartado do mundo jurídico, dizendo o que nós, sociedade, gente comum, cidadãos desse país, esperamos dos recém formados pela melhor faculdade de direito do Brasil.

Tentei listar uma série de características e me vi prolixo em todas elas, em uma fala repleta de adjetivações desnecessárias. Resolvi, pois, falar de quatro verbos, aqui substantivados. Primeiro, *no olhar*, espero dos egressos dessa casa que se lembrem que advimos de uma faculdade pública e, por isso, devemos ter um olhar atento às durezas e as mazelas que nos cercam, como forma de retribuir aquilo que nos foi presenteado – ou melhor, emprestado – pela coletividade. Que o diploma não forje uma geração de burocratas e carimbadores que, imersos em seus escritórios ou gabinetes, esquecem que por trás de um número processual ou de número de CPF, *há gente como a gente*.

No dizer, seja na escrita ou na fala, que o norte seja sempre o entendimento e que, para além de que qualquer liturgia ou rebuscamento, sejam claras e libertadoras as palavras.

No julgar, em seu sentido amplo ou estrito, que haja alteridade e correição. E, *no agir*, que haja justiça – resgatando um pouco nosso romantismo dos primeiros meses – *justiça como razão de ser*.

Não, não são habilidades excepcionais as esperadas dos bacharéis em direito. Ao contrário, todas essas se ligam à nossa capacidade *de ser gente*. Talvez seja esse o desejo de toda sociedade: que essa Faculdade tenha formado boa gente. Tenha formado bons cidadãos. Pois esgotado todo repertório acadêmico e científico, isto basta. *Deve bastar*.

E, se nesta vida, nas descidas e nas subidas, nos vemos perdidos, lembremo-nos, pois, que não somos órfãos. Temos casa: a Casa de Afonso Pena. E é por isso que é inevitável terminar lembrando que somos sim filhos dessa uma universidade pública, gratuita, livre e emancipadora – e possuímos todas as responsabilidades de carregar esse fardo.

E que só é assim, porque vivemos, mesmo em meio a tantos desafios, em um Estado Democrático de Direito. Só há o Direito como conhecemos e para o qual nos formamos em um Estado que estabelece essas garantias. Portanto, se a república passa por esta faculdade há mais de um século, como está estampado

no mural deste salão, que, ao descer ou subir as escadas desta vida, um grito ecoe sempre em nossos corações e em nossas carreiras:

Por todos, democracia acima de tudo.

